

# A Missão da Igreja na Ordem Temporal

Prof. Dr. CLAUDIO PERANI, S. J.

## THE MISSION OF THE CHURCH IN THIS WORLD.

*This is an important question because of the secularization process under way also for the man in South America, and because of the social injustice in this continent and in all the countries of the third world. Looking at the problem through a pastoral point of view, we intend a more unified action from the Church in this world, trying to set an end to the dualism still existing in the practice.*

*In the first part we discuss the terminology — mission in this world — spiritual mission — to avoid misunderstandings and to approach the problem of the only mission of the church.*

*In the second part we study the theological bases of the unity of this mission. Discovering the dualism we try to bring forth the bases of a new conception and unified action of this mission's unity of the saving destiny of God, Christological and Eschatological unity of all reality.*

*In the third part we draw some conclusions showing that the mission of the Church is a single one to preach the kingdom of God, to reveal Christ, what, of necessity, brings forth the fact the church must involve itself in the social progress.*

*In the fourth part we draw some conclusions of the mission for the Church in the Northeast of Brazil.*

## 0 — INTRODUÇÃO

Apesar de uma certa saturação pelo debate teórico sobre o nosso tema, não podemos negar sua atualidade e sua importância. É a "prática" que impõe este assunto. Os que têm experiência de encontros pastorais de vários níveis e de diferentes enfoques sabem com quanta frequência as discussões quase sempre caem na mesma te-

mática da missão da igreja na ordem temporal, nas distinções entre evangelização e animação da ordem temporal, entre natural e sobrenatural, deixando um sentido de frustração e de confusão do qual não se consegue sair. As revistas não deixam de retomar o assunto, multiplicando os estudos que enfrentam o problema do dualismo da missão da igreja.

O tema impõe-se, a nosso ver, por duas razões fundamentais.

A primeira, o **processo de secularização** mundial que não deixa de atingir a América Latina. Significa uma maior fidelidade ao humano, uma maior preocupação com os problemas concretos dos homens. Tudo mede-se a partir de uma eficácia temporal. De consequência, também a igreja e seu trabalho são confrontados com esses critérios. Pergunta-se qual o sentido, a missão, a eficácia da igreja em relação à construção do homem novo e da nova sociedade.

A segunda, mais propriamente latino-americana, provém da constatação da **situação de injustiça social** que reina no continente e, mais em geral, nos países do terceiro mundo. A existência de uma grande massa de pessoas marginalizadas não pode deixar indiferentes os homens. O problema da libertação dos oprimidos deve tornar-se a preocupação central da igreja, se quiser ficar fiel à missão salvadora do Cristo.

Por essas razões, já no ano de 1965 em Mar del Plata os bispos latino-americanos declaravam: "O relacionamento da igreja com o progresso temporal estriba-se, por uma parte, nos deveres de justiça e caridade que nos impelem a trabalhar para o bem material e espiritual de nosso próximo (...) por outra parte, o homem que tem fé entende a história, onde se realiza a vocação terrena da pessoa e da comunidade, como o desenvolvimento do plano salvífico de Deus destinado a todos os homens" (1).

(1) **A Igreja na América Latina: Desenvolvimento e Integração**, Assembléia extraordinária do CELAM em Mar del Plata, 11 a 16 de outubro de 1966, CERIS 8, Ed. Vozes 1968, p. 208.

Este texto mostra-nos uma **tentativa para superar o antigo dualismo** que considerava "natureza" e sobrenatureza" como duas ordens completas.

Os documentos recentes do magistério, sobretudo a Constituição Pastoral da Igreja no Mundo e, mais em particular, os documentos de Medellín, apresentam um grande progresso na linha de uma maior unidade.

O dualismo é teoricamente rejeitado, **continua**, porém, **no domínio** da ação prática e aflige nossa pastoral, perdida muitas vezes em atitudes tradicionalmente "sagradas" ou angustiada pela velha dicotomia conscientização — evangelização, temporal-religioso — profano — sagrado..., mostrando quanto grande seja ainda hoje a separação igreja — mundo.

Para sermos completos, podemos hoje constatar **vários movimentos de evangelização**, em todas as partes do Brasil, que superaram na ação prática o dualismo, atuando uma pastoral muito concreta e unitária. O resultado dessas experiências poderá dar novas luzes para o nosso problema e talvez nos vencer do bizantinismo de certas discussões.

Nossa intenção é muito simples. Apresentar algumas idéias, numa perspectiva pastoral, para uma ação mais unitária da igreja no mundo.

## 1 — O PROBLEMA DA TERMINOLOGIA

Devemos desde logo desfazer a possibilidade de um equívoco presente no mesmo título do artigo. "Missão da igreja na ordem temporal" sugere imediatamente a idéia de uma **segunda missão** da

igreja diferente da primeira, de uma missão na ordem espiritual. Esta visão parece ser avaliada por certos dados conciliares, por exemplo, pelas afirmações do Decreto sobre o Apostolado dos Leigos, que distingue **salvação dos homens e instauração da ordem temporal** (2). Se o Decreto mantém a preocupação de um certo dualismo, outros documentos mais importantes mudam de perspectiva e de terminologia, a começar pela Constituição sobre a Igreja.

O problema da terminologia deve ser iluminado (3).

Propriamente, o que é que entendemos por "temporal"? **Que sentido tem a distinção "temporal-espiritual"?**

Fundamento imediato desta distinção foi o filósofo MARITAIN com seu livro **Humanismo integral**, levado pelo desejo de derrubar, de um lado, a visão de cristandade cristã que não respeitava suficientemente a autonomia humana e, do outro lado, a concepção absolutista do humanismo laicista.

Mas a distinção não é perfeita. De fato, "**temporal**" não se opõe a "espiritual", mas sim a "**eterno**" e "**espiritual**" opõe-se a "**material**" ou "**corporal**". Toda realidade do mundo (igreja, também) é temporal e o espiritual não pode ser concebido como uma substância separada. O "temporal" tem, por isso, relação com o caráter escatológico da existência humana. Neste sentido é usado habitualmente na *Lumen Gentium* (cf. LG 48,2). "O

temporal não designa primeiramente nem uma jurisdição, nem um poder, nem uma 'espada', mas sim uma ordem de existência e dívida; ou, antes, é a existência e a vida enquanto confrontadas com a esperança que as atravessa e as domina. Longe, pois, de esvaziar o temporal de seu conteúdo concreto — dessas 'estruturas da vida secular' de que fala o Concílio — a esperança dá-o deveras a ele mesmo referindo-o à sua 'restauração' definitiva" (4).

É claro que neste sentido **toda e qualquer missão da igreja é temporal** e somente pode manifestar-se e realizar-se na ordem temporal. Diríamos que o mesmo Reino de Deus, enquanto já presente e ainda não manifestado, é temporal.

Voltando ao título, desfeito o primeiro equívoco, podemos entender por "ordem temporal" **tudo aquilo que fica no nível puramente terrestre**, sem referência imediata ao outro pólo transcendente: o trabalho, a técnica, as profissões, a história, o corpo, o matrimônio, o nascimento, a morte, o cosmos, a arte, a cultura, a ciência, a sociedade, etc. Resumindo numa palavra, os homens ou a sociedade considerados em seu nível econômico, sociológico, político. . .

Se essa é a definição de "ordem temporal", a pergunta será a seguinte:

A igreja tem uma missão própria temporal? Deve interessar-se de economia e de política? Deve interessar-se do progresso da socieda-

(2) "Portanto, a missão da Igreja não consiste só em levar aos homens a mensagem de Cristo e sua graça, senão também em penetrar do espírito evangélico as realidades temporais e aperfeiçoá-las" (AA 5).

(3) G. MARTELET, "A igreja e o temporal. Rumo a uma nova concepção", in BARAU-

NA, *A igreja do Vaticano II*, Petrópolis, Vozes, 1965, pp. 577-595; A. JEANNIÈRE, "Spirituel et temporel: distinction ou confusion?", *Projet* 1966, pp. 263-275; A. MANARANCHE, "Foi d'aujourd'hui et distinction d'hier", *Projet* 1967, pp. 641-659.

(4) MARTELE, *op. cit.*, pp. 582-583.

de? Se a resposta for afirmativa, significará introduzir na igreja uma outra missão, de segunda ordem, por assim dizer, ou se tratará de uma única missão?

Afirmamos que a igreja tem uma única missão, pregar o Reino de Deus, e que para isso deva interessar-se do progresso da sociedade.

Para explicitarmos isso, devemos antes retomar alguns dados teológicos.

## 2 — FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA UNIDADE DA MISSÃO DA IGREJA

### 2.1 — Tradição de separação

Na história da teologia com a idade moderna desenvolve-se toda uma teoria de "sobrenatural" em oposição a "natural", com a consequência de separar indevidamente as duas ordens. Os efeitos foram sensíveis na praxis da igreja. A caridade sofreu contínua tentação de ser vivida à margem do mundo e o amor de Deus oferecido aos homens correu o risco de perder sua eficácia terrestre.

Quando da crise da relação religião-sociedade, a igreja encontrou-se sem uma teologia que pudesse ajudá-la para instaurar uma nova relação. Não podiam servir nem a teologia fundada na metafísica clássica, que não tomava em consideração o mesmo problema, nem a mais recente teologia existencialista, que ficou numa dimensão de salvação excessivamente individual (5).

(5) Cf. J. B. METZ, "O Problema de uma Teologia Política como Instituição de Liberdade Crítico-social", *Concilium* 1968, n. 6, pp. 5-20.

Por essas razões o cristianismo atual sofre o impacto do afastamento do mundo e a igreja com muitas preocupações e com um certo medo se pergunta sobre sua missão na ordem temporal. A mesma pergunta é significativa de uma ruptura. Defendemos o "sobrenatural" com preocupações de ortodoxia, entretanto deveríamos perguntar qual a ortodoxia do nosso "sobrenaturalismo".

A Bíblia parece estar numa visão mais unitária, visão que o Concílio Vaticano II começou a recuperar.

### 2.2 — A relação igreja-mundo

A problemática da missão da igreja na ordem temporal ou da distinção entre engajamento temporal e evangelização, ultimamente é reconduzida à questão da relação entre a igreja e o mundo.

Devemos reconhecer que o Vaticano II guardou uma certa distinção, colocando, porém, princípios que podem favorecer uma visão mais unitária e um maior compromisso com o mundo. A questão hoje é recolocada sobretudo na América Latina, diante dos graves problemas do subdesenvolvimento.

Ajudar-nos-á, para iluminar nossa relação, a distinção do DUQUOC entre a **unidade escatológica** e o **dualismo histórico** (6).

#### 2.2.1 — Unidade escatológica

Trata-se da **unidade final** entre o mundo e a igreja, que suprimirá qualquer distinção. As duas realidades estão a caminho da mesma meta. Evidentemente, afirmar a

(6) C. DUQUOC, "L'Église et le monde", *Lumière et Vie* 1965, n. 73, pp. 47-68.

unidade do fim, significa reconhecer que **desde o início** deve haver uma orientação unitária.

Podemos, por isso, em primeiro lugar, falar da **unidade da criação**.

Existe um único plano de Deus (7) que começa com a criação e que abrange todo esforço para construir um mundo novo. Seria infantil imaginar que o pecado surpreendeu a Deus e o levou a modificar seu plano. Ou que encarnação e redenção são acontecimentos imprevistos, pertencentes a uma outra ordem. Desde o início a **criação é cristica** e, por isso, **eclesial**. O motivo radical indicado pela Constituição Pastoral é a identidade entre o Verbo Criador e o Verbo Redentor: este último é o mesmo que o criador, pois tudo foi feito por meio dele (cf. 4541,2; Jo 1,3). Adão é criado na direção (implícita, isto é, real, também se não ainda manifesta) do Cristo.

Acrescentamos que, de fato, **encarnação e redenção já atingiram ontologicamente toda humanidade** e todo o mundo, pois o Filho de Deus, assumindo uma humanidade, tornou-se homem perfeito, cume da criação, solidarizando-se com todos os homens e toda atividade humana.

É equívoco afirmar que a tarefa da igreja deve conceber-se como uma progressiva inclusão do mundo na obra salvadora do Cristo. Deus, em seu Filho, já assumiu o mundo numa definitividade completa. A encarnação é a transcendência que se converte em ordem temporal, é o divino que assume e, por isso, retifica definitivamente o hu-

mano. Assume como distinto de si: ao aceitar o mundo este não se converte numa peça de Deus.

Tudo isso significa que a existência humana concreta é, em si mesma, uma profecia messiânica do "Cristo a vir". É exatamente na ordem temporal que deve realizar-se a missão da igreja. Esta não deve consistir em substituir o Verbo Criador com o Verbo Redentor, mas em ajudar os povos a reconhecer a ação do Verbo em tudo o que eles têm de bom, como afirmava Mons. Zoghby no Concílio.

Trata-se em segundo lugar, de uma **unidade de cumprimento**, isto é, escatológica. Igreja e mundo têm o mesmo fim: não existe um mundo fora da glória de Deus: "Assim a Igreja conjuga operações e esforços para que o mundo inteiro se transforme em Povo de Deus, Corpo do Senhor, e para que em Cristo, Cabeça de todos, seja dada ao Pai e Criador do universo toda a honra e toda glória" (LG 17). O mundo, também, está a caminho de Deus, do único Deus Trino, tendo por consequência, um único fim sobrenatural.

Nesta perspectiva a primeira definição de igreja que encontramos é a seguinte: **"o mundo e a humanidade o caminho para Deus"**.

A definição ilumina o sentido mais profundo da palavra igreja; não é experiencial, pois graça e pecado fogem à experiência, mas permite uma visão unitária do plano de Deus e, de reflexo, da missão da igreja. Neste nível, igreja não é outra coisa se não a mesma ordem temporal que evolui para seu

(7) "Para os fiéis é pacífico que a atividade humana, individual e coletiva, ou aquele empenho gigantesco no qual os homens se esforçam no decorrer dos séculos para me-

lhorar as suas condições de vida, considerado em si mesmo, corresponde ao plano de Deus" (GS 34,1).

destino eterno. Há unidade profunda.

### 2.2.2 — Dualismo histórico

Colocamo-nos agora do ponto de vista histórico. Em sua realização no tempo o ato da criação é distinto do **ato da encarnação-redenção**. O primeiro, se bem profecia do segundo, não manifesta e realiza na plenitude o segundo. Nesta perspectiva a igreja não se identifica com o ato criatural, não vem — por assim dizer — de baixo, mas do alto, isto é, nasce de uma intervenção de Deus.

A mesma conclusão, considerando o problema do pecado, pelo qual a humanidade rejeitou a salvação. Esta encontra-se só em Cristo, atualmente ausente, e deve, por isso, ser recebida de maneira **“sacramental”**. A graça não chega a nós através da natureza humana, mas unicamente pela ação pessoal do Cristo. A comunhão entre os homens não é por si só fonte da graça, mas sim, a comunhão-humana-no-Cristo.

Tudo isso leva-nos a uma outra definição de igreja, como sacramento, isto é, aquela **parte da humanidade que afirma explicitamente a presença do Cristo** na fé, no batismo e na comunhão eucarística. Esta igreja é aquela que anuncia no mundo a unidade definitiva que deve vir em Cristo. Não é anônima, mas significa visivelmente uma realidade a vir, o mundo a caminho do Cristo. É ela que visibiliza o sentido escatológico do mundo.

Evidentemente, neste nível há uma certa distinção com o conjunto da humanidade, com a sociedade. Não se trata, porém, da separação,

ao contrário, devemos reconhecer uma profunda unidade dialética, exatamente porque a igreja anuncia a salvação desta humanidade.

### 3 — A ÚNICA MISSÃO DA IGREJA

Lendo o evangelho não encontramos distinção de missões. Jesus envia os apóstolos para ensinar e batizar todas as nações em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28, 19). E a igreja tem como tarefa aquela de anunciar aos povos a salvação em Jesus Cristo, o que significa o advento do Reino de Deus.

Retomemos, agora, nossas perguntas iniciais. A igreja tem uma missão própria na ordem temporal? Deve interessar-se do progresso da sociedade? Ou, se quisermos, qual a relação entre o progresso temporal e o crescimento do Reino?

A partir das afirmações anteriores não será difícil tirar algumas conclusões. Na Constituição Pastoral podemos ler que “**embora o progresso terreno se deva cuidadosamente distinguir do crescimento do Reino de Cristo, todavia, na medida em que pode contribuir para a melhor organização da sociedade humana, interessa muito ao Reino de Deus**” (GS 39, 2). Uma afirmação muito tímida e voluntariamente genérica, mas suficiente para indicar a pista da solução. **Sociedade humana e Reino de Deus não são duas realidades separadas.**

Mais interessantes são as afirmações do esquema preparatório de Ariccia. No n.º 51 lia-se o seguinte: “**Posto que a redenção compreende a ordem de criação, o ministério da igreja estende-se necessariamente, do ponto de vista a ela peculiar, ao**

conjunto das realidades e dos problemas humanos" (8).

O texto esclarece mais: Fala do ministério da igreja, da **única missão de toda a comunidade**, sem fazer distinções entre hierarquia e leigos. Este ministério, necessariamente, não por uma extensão indevida ou supérflua, mas por razões intrínsecas, visa todas as realidades e os problemas humanos. A igreja deve interessar-se do homem, essencialmente relacionado na sociedade e situado no espaço e no tempo. É o homem econômico, social, político, cultural... O homem procurando uma libertação e construindo uma nova sociedade. A igreja, por isso, interessa-se de economia e de política.

Não, evidentemente, no sentido de ser experta nestas ciências ou de ter como missão própria o desenvolvimento da economia ou da política, nem a organização da sociedade civil. Não se trata disso. O inciso: **"do ponto de vista a ela peculiar"** esclarece o nosso problema e mostra a perspectiva com que deve ser considerada a missão da igreja. O "peculiar" indica a tarefa da igreja que é sempre a mesma: revelar o Cristo.

Ora, a **ordem temporal é o lugar onde o Cristo se manifesta**; só no encontro com o homem "situado" há possibilidade de acesso a Deus (9); é a partir do conhecimento e da realização do homem e dos homens que podemos falar de evangelho e de salvação, como algo de totalmente novo e no mesmo tempo de profundamente inserido na expe-

riência humana, dando-lhe o sentido último, o "mais além".

Por estas razões a igreja interessa-se da ordem temporal. Se isso não acontecesse, não poderia evangelizar.

Resumindo, podemos citar outro texto do magistério, contido na Carta de Paulo VI por ocasião do 80.º aniversário da Rerum Novarum: "É às comunidades cristãs que cabe analisarem, com objetividade, a situação própria do seu país e procurarem iluminá-la com a luz das palavras inalteráveis do Evangelho" (n.º 4). Também aqui não se distingue entre hierarquia e leigos: é a totalidade da comunidade cristã. Não há uma missão espiritual reservada à hierarquia e uma missão reservada ao laicato. Fala-se em analisar a situação do próprio país: significa evidentemente a estrutura sócio-econômico-política em que o homem está inserido. Evangelizar não é outra coisa senão projetar a luz do Evangelho sobre esta realidade. Para tomar "as opções e os compromissos que convém" e construir o homem novo. **Fé e situação histórica implicam-se necessariamente.**

#### 4 — A MISSÃO DA IGREJA NO NORDESTE

Estas reflexões estão sendo elaboradas no Nordeste do Brasil. Não podem não ter uma referência explícita a esta região, uma das mais pobres do mundo.

Que significa presença de igreja no Nordeste? Aqui entende-se com

(8) Cf. **Decreto sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja**, n. 12: "Mostrem, por outro lado, que as coisas terrestres e as instituições humanas, no plano de Deus Criador, se ordenam também para a salvação dos homens e podem, por consequen-

te, contriuir não pouco para a edificação do Corpo de Cristo". b  
(9) Cf. A. KLAPPENBACH, "Dimensión social en la presentación del mensaje cristiano", **Boletim GNCS**, 1972, n. 3, pp. 7-23 (mimeografado).

facilidade como não possa existir — uma missão da igreja — exatamente por razões profundamente evangélicas — que não se comprometam com a **libertação do nordestino**, isto é, com a situação econômico-política que está vivendo.

O homem nordestino vive numa estrutura que lhe impede de ser homem. Escravizado no campo, completamente dependente dos donos das terras. Escravizado na cidade, atraído por uma aparente facilidade de emprego nas indústrias. No Nordeste o nível da renda "per capita" baixa cada vez mais, porque é repartida cada ano entre um número maior de habitantes. No setor do trabalho parece impossível criar cada ano os novos empregos necessários. Durante o período em que o Nordeste ia se tornando eufórico a respeito do seu próprio desenvolvimento, uma parte notável do povo — a mais pobre — longe de auferir benefícios, vivia em situação cada vez pior (10).

Nesta situação qual sentido pode ter o anúncio do evangelho aos pobres? Que significa esta "boa nova" para o nordestino? Será que a igreja não deve — por fidelidade

ao evangelho — comprometer-se com a libertação deste povo?

Aqui descobre-se com facilidade a estrutura injusta do capitalismo, nas suas formas sempre mais refinadas. Aqui evidencia-se logo a absurdidade de uma certa visão do direito de propriedade, que significa simplesmente a dominação de alguns sobre outros. Aqui fica evidente a necessidade de uma análise científica para descobrir a situação de dependência, sempre mais acentuada, de outros centros nacionais e internacionais. Aqui compreende-se melhor como a essência do Reino de Deus consiste especialmente na supressão da oposição dominadores-dominados.

"Ter compaixão desta multidão" significa denunciar o capitalismo, o atual direito de propriedade, os monopólios internacionais, a estrutura agrária, etc. Caso contrário, o evangelho desapareceria, seria uma realidade totalmente vaporosa e abstrata. A partir deste contexto profundamente humano a igreja deve anunciar o Cristo libertador, explicitando todas as dimensões do Reino, que radicalmente é dom do Pai e comunhão dos homens com a Trindade.

(10) Cf. *Cadernos do CEAS*, n. 11, "Dinâmica populacional no desenvolvimento", e n. 12, "Fragão do pão".